



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

LEITURAS ANARQUISTAS EM SÃO PAULO

Lucia Silva Parra*

O objetivo principal deste trabalho foi entender qual a importância da leitura e de suas práticas entre os anarquistas atuantes em São Paulo nos anos 1930. Procurei descrever a formação da biblioteca do Centro de Cultura Social que foi um acervo compartilhado por diversos militantes libertários. Para compreender o que liam os anarquistas, foi observado neste acervo quais eram os autores, temas, idiomas e locais de publicação mais recorrentes. Para identificar quais eram as editoras que publicavam livros anarquistas e quais as suas dinâmicas de produção, distribuição e venda, recorri a fontes como relatórios de investigação policial e anúncios de livros em jornais libertários.

O recorte cronológico escolhido foi a primeira fase do Centro de Cultura Social (1933-1937) que contava, neste período, com uma biblioteca composta de livros e jornais que serviam de subsídio para as atividades. Este acervo foi constituído pelo anarquista Edgard Leuenroth e por outros militantes, sendo que parte deste material foi adquirido pela UNICAMP em 1974.

Com a intenção de refletir sobre as leituras dos anarquistas, foi realizado um levantamento dos livros que formam o fundo Edgard Leuenroth: do total de 709 presentes no acervo catalogado pela UNICAMP foram selecionados 314 que correspondem às obras publicadas até 1937. Ainda que a simples presença de determinados livros em uma

* Graduada em História (FFLCH/USP) e Biblioteconomia (ECA/USP). Mestra em Estudos Culturais (EACH/USP). Bibliotecária do Instituto de Artes/UNESP.

biblioteca não signifique que estas obras tenham sido necessariamente lidas, penso que a própria escolha de títulos que irão compor um acervo indique preferências e somente por isso já seja significativa.

Observo que os livros que compõem o Fundo Edgard Leuenroth não correspondem exatamente ao antigo acervo da biblioteca da primeira fase do Centro de Cultura Social, pois, somente uma parte deste arquivo está presente no acervo da UNICAMP. Ainda assim, acredito que a análise desta amostra, juntamente com outras fontes documentais possa indicar informações relevantes sobre uma parte da história da leitura entre os anarquistas.

Como referencial teórico orientei-me pelos trabalhos de Robert Darnton em suas pesquisas sobre livros e leituras. O autor afirma que para uma história da leitura devemos consultar arquivos e comparar relatos de leitores e anotações em seus livros¹. Os estudos sobre os leitores e seus temas se dividem em dois grandes grupos os macro e os micro analíticos. Estudos macro analíticos foram realizados principalmente por historiadores franceses que dispunham de amplas séries de dados como registros de depósito legal e também pelos alemães com longas séries estatísticas obtidas a partir dos catálogos das feiras de livros de Frankfurt. Darnton afirma que os estudos macro analíticos são muito úteis para indicar tendências e conclusões gerais, no entanto, às vezes, carecem de precisão que pode ser obtida com a micro análise, com o estudo do catálogo de uma biblioteca por exemplo².

No caso desta pesquisa, a escolha pela micro análise foi feita, em primeiro lugar, pela dificuldade em encontrar fontes de pesquisa que pudessem resultar em longas séries de dados.

Em São Paulo, ao longo da década de 1930, a atuação anarquista junto a associações de classe e sindicatos entra em declínio devido às leis trabalhistas, à repressão policial e aos conflitos com grupos comunistas e integralistas.

O Centro de Cultura Social (CCS) foi fundado em janeiro de 1933, em São Paulo, por um grupo de anarquistas e fechado em 1937, com o Estado Novo. Em 1945

¹ DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia de Bolso, 2010. p. 171.

² DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia de Bolso, 2010. p. 175-176.

foi reaberto, permanecendo em atividade até 1969, quando, após a repressão que se seguiu à promulgação do Ato Institucional nº 5, seus membros decidiram encerrar suas atividades. Em 1985 inicia-se a terceira fase do CCS que permanece em atividade até os dias de hoje. Desde sua fundação, o Centro de Cultura Social é organizado e mantido de forma autogestionária.

Na primeira fase do Centro de Cultura Social eram realizadas palestras e conferências com temas de interesse dos libertários como o ensino em escolas proletárias e sindicalismo. Eram promovidos festivais libertários com o objetivo de arrecadar fundos para o jornal *A Plebe*, por exemplo. Estes festivais contavam com a participação do grupo de teatro do Centro de Cultura Social. As atividades do CCS desta fase apresentavam um caráter educativo:

Aqueles que conheciam os princípios deviam transmiti-los à classe trabalhadora, educando-a e doutrinando-a. Esses oradores que deveriam vir “mesmo fora de nosso meio” representam os intelectuais ou estudiosos de questões “científicas”. Educar e preparar essa classe para a organização autônoma e para a “ação direta” ou seja, para as manifestações e agitações revolucionárias, era dever da militância. A propaganda e a divulgação das ideias e a educação libertária constituíam, para os libertários, o caminho da preparação do operariado.³

Promover espaços para a cultura e a educação eram estratégias de sobrevivência em um contexto no qual os proletários eram excluídos de serviços como educação gratuita, bibliotecas e espaços de lazer.

Para os anarquistas, era fundamental investir na formação intelectual do proletariado e do povo em geral, pois acreditavam que, somente com indivíduos conscientes, seria possível mudar as estruturas da sociedade.

Neste sentido, o Centro de Cultura Social foi criado como mais uma iniciativa de caráter educativo e cultural, conforme constatamos no panfleto que divulgava o início de suas atividades, no dia 14 de janeiro de 1933:

Um núcleo de cultores das grandes ideias de progresso e de liberdade acaba de fundar uma instituição popular destinada à difusão da instrução e educação integral das classes laboriosas e de vulgarização

³ GERALDO, Endrica. Práticas libertárias do Centro de Cultura Social Anarquista de São Paulo 1933-1935 e 1947-1951. *Cadernos AEL – anarquismo e anarquistas*, n. 8/9, p. 168, 1998. p. 177.

dos conhecimentos científicos e filosóficos e particularmente das doutrinas socialistas e libertárias (...)⁴

Na inauguração das atividades do Centro de Cultura Social seriam, de acordo com o panfleto citado, realizadas palestras sobre assuntos educacionais e sociais por Florentino de Carvalho, Edgard Leuenroth, Bixio Picciotti e Francisco Cianci. O evento era dirigido *aos sindicatos operários, sociedades populares e culturais, à imprensa liberal e de vanguarda, bem como ao povo em geral*⁵.

Em sua primeira fase, o Centro de Cultura Social era organizado por Edgard Leuenroth, Florentino de Carvalho, Pedro Catallo, Rodolpho Felipe e Amor Salgueiro. Tratava-se de antigos militantes do movimento anarquista, envolvidos em atividades sindicais e publicações de jornais libertários desde o início do século XX.

Para entender o significado da leitura entre os libertários deve-se considerar o contexto da educação anarquista. A educação é um tema recorrente entre os teóricos do anarquismo como Bakunin que defendia a educação integral como uma forma de diminuir a desigualdade entre as classes sociais e Proudhon que destacava a educação para a formação moral e política dos trabalhadores. Segundo Doris Accioly, entre os anarquistas, a educação e a cultura não se dissociam da revolução social:

Para os anarquistas, a educação, a cultura, e, portanto, a apropriação do conhecimento pelas classes trabalhadoras sempre foram questões essenciais. Concebem a transformação social pela criação de formas igualitárias, anti-hierárquicas e desburocratizadas de organização, em sintonia com a mudança de sensibilidades, atitudes, valores e não como tomada do poder do Estado pelos partidos políticos e a constituição de uma nova classe dirigente.⁶

Atividades relacionadas à educação e práticas de leitura estiveram muitas vezes presentes no movimento anarquista. Ateneus, centros de cultura e bibliotecas serviram de complemento para a formação de gerações de libertários, além de serem importantes locais de socialização e discussão política.

⁴ Panfleto. Centro de Cultura Social, janeiro, 1933. **Prontuário 716, vol. 3, Federação Operaria de São Paulo. Fl. 87. DEOPS/ SP. AESP.**

⁵ Panfleto. Centro de Cultura Social, janeiro, 1933. **Prontuário 716, vol. 3, Federação Operaria de São Paulo. Fl. 87. DEOPS/SP. AESP.**

⁶ SILVA, Doris Accioly e. Anarquistas: criação cultural, invenção pedagógica. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 32, n. 114, p. 87-102, jan./mar., 2011. p. 94.

O uso de livros e jornais era amplamente difundido entre os libertários. O jornal *A Plebe* divulgava e recomendava constantemente a títulos de livros através de propagandas e de resenhas. Entre os títulos estão:

Quadro 1 - Livros do Editorial *A Sementeira*, divulgados pelo Jornal *A Plebe*

Autor	Título
Abad de Santillán	A alforria final
Bakunin, Mikail	Consideraciones filosóficas
Berthelot, Paulo	O Evangelho final
Besnard, Pierre	Mundo Nuovo
Carvalho, Florentino de	Da escravidão à liberdade
Fabbri, Luce	Camisas Negras
Faure, Sebastian	A dor universal
Gorki, Máximo	A Mãe
Kropotkin, Pedro	A questão social: ciência moderna e anarquismo
Malatesta, Errico	Comunismo libertário
Mota, Benjamim	A razão contra a fé
Proudhon	O que é propriedade
Rocker, Rodolfo	Artistas y rebeldes
Rocker, Rodolfo	Juan Most: la vida de un rebelde
Tcherkesoff, Varlan	O Marxismo antes e depois de Marx
Zola, Emile	Germinal

Fonte: *A Plebe*, São Paulo, 26/10/1935.

Os livros citados eram publicados pelo Editorial *A Sementeira*, sendo que as obras poderiam ser adquiridas através da caixa postal 195, de responsabilidade de Rodolpho Felipe, também editor do jornal *A Plebe*. Pela amostra de títulos citados pode-se afirmar que há um predomínio de autores anarquistas, sejam nacionais (Florentino de Carvalho, Benjamim Mota) ou estrangeiros (Sebastian Faure, Kropotkin, Bakunin,

Malatesta, Proudhon, Rocker, Santillán, Luce Fabbri). Entre as obras de ficção destacam-se autores com temática de crítica social (Gorki, Zola).

As obras do Editorial *A Sementeira* também poderiam ser adquiridas no interior de São Paulo e mesmo em outros Estados: em Campinas, na Liga Anticlerical, com o anarquista Atílio Pessagno; em Poços de Caldas, com A Vizzoto; em Santos, com Aníbal Silva; em Recife, na União Geral da Construção Civil, com S. Miranda; em Ponta Porã, na livraria de Dinarte de Souza; em Floriano (Piauí) na livraria de Mateus Matos; em Sorocaba, na Livraria Gusmão; em Olímpia, com Antônio Fernandes; em Mirassol, com Aristides Coelho; em Marília, com o Grupo Aurora do Porvir; em Rio Preto, com João Mantovani; em Anápolis, na Agência Inidiapin; em Jundiaí, no Sindicato dos Ferroviários, com Laudelino Leite; em Porto Alegre, na Livraria Internacional e, em Monte Azul, com Domício Guimarães⁷.

Na cidade de São Paulo, um dos locais de venda de livros anarquistas, na primeira década do século XX era a *Livraria Lealdade*, situada na rua Libero Badaró, onde poderiam ser adquiridos livros em espanhol. Neste estabelecimento eram vendidos números do jornal *Terra Livre* e livros da editora Le Revéil que na Suíça publicava Kropotkin, Malatesta e Sebastian Faure.⁸ De acordo com Sorá, as livrarias de São Paulo nos anos 1920 eram locais de sociabilidade de grupos linguísticos, intelectuais ou políticos⁹.

Um destes locais de encontro de intelectuais, era a livraria Garraux, frequentada pelo libertário Sylvio Floreal, pseudônimo de Domingos Alexandre, autor de *Ronda da Meia Noite: vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo*, obra publicada em 1925. Domingos Alexandre, segundo Nelson Schapochnick, foi pedreiro, funcionário dos correios e jornalista e teria estudado na Escola Noturna da Federação Operária de Santos, onde eram oferecidos cursos de alfabetização, teatro, sociologia e política¹⁰. Esta instituição contava também com uma biblioteca que segundo Edgar Rodrigues, a exemplo de outras bibliotecas de trabalhadores era “formada livro a livro, como alguém que

⁷ *A Plebe*, São Paulo, 09 de out., 1934.

⁸ SORA, Gustavo Alejandro. *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2010, p. 42.

⁹ SORÁ, op. cit. p. 39.

¹⁰ SCHAPOCHNICK, Nelson. Ronda Paulistana. IN: FLOREAL, Sylvio. *Ronda da meia-noite*. São Paulo: Boitempo, 2002. p. 11.

adquire alguma coisa preciosa, uma joia que se guarda carinhosamente.¹¹” Entre as obras presentes no acervo da biblioteca da Federação Operária de Santos estavam:

obras como *El Hombre y la Tierra*, de Reclus (editada pela Escola Moderna de Ferrer), *A Grande Revolução*, de Kropotkine, e obras de Tolstói, Bakunin, Máximo Gorki, Sebastian Faure e outros escritores revolucionários. Assim como obras sobre conhecimentos gerais, didáticas de todos os matizes e literatura em geral¹².

Adquirir livros de autores e temática anarquista não era uma tarefa fácil, como pode ser lido na coluna *Os nossos livros* do jornal *A Plebe*:

A quase totalidade das obras de nossos autores acha-se esgotada, sendo raro encontrar-se nas livrarias livros sobre temas principais de nossa doutrina. Livros de Proudhon, Malatesta, Kropotkin, Fabbri, Rocker, Pietro Gori, Jean Grave, Anselmo Lorenzo, Bakunin, Max Nettlau, Luiza Mitchel, Eliseu Reclus, etc, são raros nas prateleiras de nossas livrarias, pois tais obras, quando editadas, provocam tal procura e interesse que logo se esgotam¹³.

Os lançamentos de edições de clássicos da literatura anarquista eram noticiados pela imprensa libertária com destaque: *Em torno de uma vida* de Kropotkin, publicado pela Livraria José Olympio e *Ideias absolutistas no socialismo* de Rudolf Rocker, pela editora Sagitário, ambos de 1947 foram divulgados pelo jornal *A Plebe*¹⁴.

Outro problema enfrentado pelos leitores de obras anarquistas era a repressão policial: em 1941, uma livraria que vendia livros anarquistas e comunistas, na Praça da Sé foi fechada¹⁵. A vigilância policial incidiu também sobre livros e jornais que eram portados por militantes libertários.

Além das bibliotecas organizadas e consultadas por diversos militantes devem-se considerar também acervos pessoais que eram muitas vezes adquiridos e conservados com dificuldade por razões financeiras e perseguições políticas. O interesse em possuir livros, jornais e folhetos surgiu, possivelmente, da importância atribuída à cultura e à educação.

¹¹ RODRIGUES, Edgar. *Os companheiros*. Rio de Janeiro: VRJ, 1995. p. 41.

¹² SCHAPOCHNICK, op. cit. p. 12.

¹³ *A Plebe*, 01/05/1947, p. 6.

¹⁴ *A Plebe*, 01/05/1947, p. 6.

¹⁵ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, ideias malditas: o Deops e as minorias silenciadas*. São Paulo: Estação Liberdade: Arquivo do Estado de São Paulo, 1997. p. 65.

As práticas educacionais e culturais dos libertários eram vistas como um perigo para o DEOPS/SP, pois eram identificadas como formas de propagar ideias contrárias à ordem instituída. A apreensão de livros e jornais pela polícia política de São Paulo foi uma das formas de reprimir o movimento anarquista. Além das prisões, torturas e deportações, confiscar a biblioteca pessoal de um militante era uma forma de cercear o discurso libertário, interrompendo sua leitura e propagação de ideias.

Havia casos em que anarquistas eram flagrados lendo jornais em locais públicos como bondes e por esta razão eram fichados e tinham seus jornais ou livros apreendidos. Em 1932, o suíço Felix Zirolia e o austríaco José Surcke foram presos por discutirem “assuntos sociais”, sendo que na ocasião também foram apreendidos o jornal *O Trabalhador*, de 01 de maio de 1932 e o livro *Anarquismo libertário e revisionismo autoritário* de Errico Malatesta¹⁶. Antônio Aguillar, operário de origem espanhola foi preso como anarquista em 1933 por ter sido flagrado lendo jornais libertários por um investigador do DEOPS/SP¹⁷.

Em outras situações, anarquistas que possuíam bibliotecas pessoais e eram investigados pela polícia política tinham seus acervos apreendidos. Este foi o caso dos irmãos Abílio José das Neves¹⁸ e Francisco Augusto das Neves que tiveram livros, jornais e documentos apreendidos em sua residência. Ambos eram anarquistas e nascidos em Traz dos Montes em Portugal e foram presos e expulsos do território nacional, em 1936 por serem considerados “perigosos à ordem pública e, por isso mesmo, nocivos aos interesses do país”. Também foi o caso do alfaiate italiano Pedro Burba que teve sua biblioteca apreendida¹⁹.

Outro anarquista que teve sua biblioteca pessoal apreendida foi Avelino Fernandes (ou A Neblind) em 1936. Fernandes chegou ao Brasil com documentos falsos conseguidos na Espanha, seu provável nome verdadeiro era Paul Laurent era natural de Tours e agricultor de profissão. Escrevia para o jornal *A Plebe* sob o pseudônimo de Neblind. Manteve uma longa correspondência com os anarquistas brasileiros Rodolpho Felipe e Maria Lacerda de Moura. Estas cartas “comprometedoras” na avaliação dos

¹⁶ **Prontuário 1685. Felix Zirolia. DEOPS/SP. AESP.**

¹⁷ **Prontuário 2394. Antonio Aguillar. DEOPS/SP. AESP.**

¹⁸ **Prontuário 02. Abílio José das Neves. DEOPS/SP. AESP.**

¹⁹ **Prontuário 59. Pedro Burba. DEOPS/SP. AESP.**

investigadores do DEOPS/SP foram encontradas em sua residência, bem como uma biblioteca composta de livros e jornais.

Avelino Fernandes que já havia sofrido perseguições políticas na França e na Espanha foi considerado pelo DEOPS/SP como um “subversivo indesejável” e foi expulso do território nacional em junho de 1937²⁰. Ao lado de Maria Lacerda de Moura, foi um dos membros da Colônia de Guararema, no interior do Estado de São Paulo que terminou em 1937, devido a perseguições políticas de seus membros.

No acervo pessoal de Avelino Fernandes destacava-se a variedade de títulos de jornais libertários, com vários exemplares publicados no Brasil e em países como Espanha, Portugal, França, Estados Unidos, México, Uruguai e Argentina. Esta variedade, provavelmente pode ser explicada pela trajetória de militância de Fernandes que já havia atuado em organizações anarquistas na França e Espanha.

Entre os autores dos livros da biblioteca de Fernandes encontram-se anarquistas de diferentes correntes como Errico Malatesta, Kropotkin, Leon Tolstói, Han Ryner, Fortuné Henry, Sebastian Faure, Benjamin Tucker e Angela Graupera, feminista que publicou textos na *Revista Blanca*. Há também três títulos de Maria Lacerda de Moura, amiga de Fernandes: *Ferrer, o clero romano e a educação laica*, *Amai...e não vos multipliqueis* e *De Amundensen a Delprete*. Possivelmente pela influência de Maria Lacerda, Fernandes tenha se interessado por obras de autoras feministas como Luiza Pessanha C. Branco, Clotilde Betances Jaeger e Angela Graupera.

Avelino Fernandes possuía livros de Máximo Gorki e Pierre Dominique. A temática social predominava entre as obras nesta biblioteca, uma das únicas obras de ficção é *Contes du lundi*, de Alphonse Daudet, escritor representante do naturalismo francês. Entre os autores encontrados é expressiva a presença dos anarco-individualistas como Benjamin R. Tucker, E. Armand, Abel Léger e Han Ryner.

Anarquistas que distribuía ou vendiam jornais e livros libertários também tiveram seu material apreendido pela polícia política. Este foi o caso de Francisco Arouca²¹, de nacionalidade espanhola, sapateiro de profissão que foi preso em agosto de 1927 devido ao envolvimento na campanha pela libertação dos anarquistas Sacco e Vanzetti. Após sua prisão foram apreendidos diversos livros e jornais e revistas de caráter

²⁰ **Prontuário 2089. Avelino Fernandes. DEOPS/SP. AESP.**

²¹ **Prontuário 147. Francisco Arouca. DEOPS/SP. AESP.**

libertário encontrados em sua residência. Entre os títulos das revistas foram citados: *La novella ideal*, *La novella del pueblo*, *La Revista Blanca* e *Generacion Consciente*. Em declaração prestada em 24/08/1927 ao Gabinete de Investigações, Arouca afirmava que recebia diversas revistas e livros da Espanha para vendê-los a operários e que sua apreensão lhe traria prejuízos materiais. Francisco Arouca foi detido novamente em 1934 por portar um pacote do jornal *A Platea* e outro do jornal *A Plebe* que estava levando para o correio.

Os autores mais encontrados entre os 314 livros selecionados do Fundo Edgard Leuenroth (AEL), a maioria é anarquista: Jean Grave, Kropotkin, Pietro Gori e Ricardo Flores Magón. O autor que aparece com mais frequência é Jean Grave (1854-1939), anarquista francês, sapateiro de profissão que participou da revista *La Revolté* com o geógrafo libertário Elisee Reclus.

Segundo Adelaide Gonçalves, os autores libertários mais publicados em língua portuguesa estão Kropotkin, Jean Grave, Elisée Reclus, Ricardo Mella, Sebastien Faure e Errico Malatesta e, entre os brasileiros mais publicados estariam Benjamim Mota, José Oiticica e Maria Lacerda de Moura²². De fato todos estes autores foram identificados entre os livros da seleção realizada do Fundo Edgard Leuenroth ou em listas de livros apreendidos pelo DEOPS/SP.

Ainda no que se refere aos autores é interessante notar a presença de Émile Zola, com o título *Germinal*. Esta obra foi bastante popular entre os anarquistas em São Paulo, tanto que serviria de inspiração para os nomes próprios de filhos de anarquistas como Germinal Soler e Germinal Leuenroth. Além disto, este livro era lido entre os anarquistas espanhóis entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX: “Uno de los clásicos del anarquismo fue *Germinal*. Esta novela fue como un grito de guerra y fue leída por varias generaciones de libertarios hasta nuestros días.”²³

O interesse dos anarquistas pelas obras de Zola e Victor Hugo foram mencionados em comentários da escritora Zélia Gattai que enfatizou a popularidade de Victor Hugo e Émile Zola entre os anarquistas:

²² GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. *A bibliografia libertária: um século de anarquismo em língua portuguesa*. São Paulo: Imaginário, 1999. p. 26-27.

²³ LITVAK, Lily. *Musa libertaria: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español (1880-1913)*. Barcelona: Antoni Bosch, 1981. p. 111.

Zola era um ídolo de todos aqueles italianos anarquistas que chegavam a lhe atribuir nacionalidade italiana, devido ao seu sobrenome que era pronunciado por eles à italiana: Emílio Zóla. A mesma tentativa de nacionalização era empregada com Victor Hugo, no pronunciar deles, Húgo. “Sono oriundi...” diziam.²⁴

No que se refere aos idiomas presentes na seleção de livros analisada, nota-se um predomínio do português, seguido do idioma italiano e espanhol. Em menor número, encontramos livros em idiomas francês, inglês e latim. A presença considerável de línguas como o italiano e o espanhol deve-se, provavelmente, aos imigrantes e seus descendentes que compunham a população de São Paulo nos anos 1930. Sabe-se que em 1949, 28% da população da cidade de São Paulo era composta de estrangeiros²⁵.

Há publicações de diversas cidades italianas como Spezia, Milão, Mantova, Roma, Ravena, Florença, Turim, Bolonha e Ancona. No entanto, dos livros em idioma italiano foram publicados também junto a comunidades italianas de outros países, como o Brasil. Na seleção de livros do Fundo Edgard Leuenroth (AEL) foram localizados livros de temática anarquista, em idioma italiano, publicados em cidades americanas como New York, Newmark e East Boston e na cidade de Genebra, na Suíça.

Dos livros em castelhano, predominam as publicações de cidades da América Latina em cidades como Buenos Aires, Montevidéu, Santiago e cidade do México. As obras publicadas na Espanha concentram-se nas cidades de Madri e Barcelona.

Sabe-se que entre os anarquistas oriundos da Espanha era difundida a prática de leitura em voz alta em idiomas como francês, alemão, inglês, português e italiano, realizada por um militante que dominava um idioma estrangeiro e traduzia simultaneamente a um grupo de ouvintes.²⁶ Práticas semelhantes, provavelmente ocorreram entre libertários no Brasil.

Foi notada uma variação de idiomas ao longo do tempo: na década de 1930 o português predomina nas publicações enquanto que o italiano decresce. Porém, na década de 1930, em São Paulo, ainda eram publicados títulos anarquistas em italiano e espanhol, como se percebe pelos anúncios do *Editorial A Sementeira*, mantido por Rodolpho

²⁴ GATTAL, Zélia. *Anarquistas Graças a Deus*. 25. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 127-128.

²⁵ PRADO JÚNIOR, Caio. *A cidade de São Paulo: geografia e história*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 60.

²⁶ LITVAK, Lily. *Musa libertaria: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español (1880-1913)*. Barcelona: Antoni Bosch, 1981. p. 254.

Felippe e divulgado pelo jornal *A Plebe*²⁷. Outro fator que deve ser considerado é a aquisição de livros sobre anarquismo editados em Portugal. Entre as casas publicadoras portuguesas que editavam livros de temática libertária ou de autores anarquistas encontradas na seleção estão: Guimarães & Cia (Lisboa), Gomes de Carvalho (Lisboa), Biblioteca d' Educação Nova (Lisboa), Antiga Casa Bertrand (Lisboa), Typographia do Commercio (Lisboa) e Almeida e Sá (Porto). Entre os autores publicados por estas editoras estão: Kropotkin, Charles Malato, Jean Jaures, Jean Grave, Tolstoi e Neno Vasco.

No que se refere aos locais de publicação foram contabilizadas 73 edições de São Paulo (23,2%), 47 do Rio de Janeiro (14,9%), 31 de Milão (9,8%) e 25 de Lisboa (7,9%). Entre os autores libertários editados no Brasil destacam-se os brasileiros Florentino de Carvalho, Everardo Dias, Fábio Luz, José Oiticica, Benjamim Mota, Maria Lacerda de Moura, Edgard Leuenroth e Hélio Negro.

Quanto às editoras há uma grande diversidade que mereceria ser mais bem avaliada, porém se podem notar as casas editoriais que mais se destacam: Fratelli Treves, com dez publicações (3,1%) e Fratelli Bocca, com sete obras (2,2%). Interessante notar que os jornais anarquistas também publicavam coleções de livros como no caso de *A Lanterna* (São Paulo) e *L'Adunata dei Refrattari* (Newark, New Jersey). Adelaide Gonçalves afirma que era no Brasil e em Portugal era comum que jornais e revistas libertárias publicassem livros e opúsculos²⁸.

Quanto aos assuntos que mais aparecem entre os livros selecionados temos anarquismo e anarquistas, com 35 incidências (11,1%), socialismo, com 27 publicações (8,5%) e religião, com 20 obras (6,3%). No entanto, se somarmos os livros classificados como literatura brasileira e poesia brasileira teremos um total de 13%, um dado que pode ser o reflexo de um interesse considerável dos libertários sobre o tema.

Observando as temáticas dos livros selecionados percebe-se uma diversidade tanto de gêneros literários quanto de posições políticas dos autores. Provavelmente este fato deve-se ao interesse dos libertários por diversos assuntos, incluindo posições políticas diferentes e até contrárias às suas práticas, como o integralismo por exemplo.

²⁷ *A Plebe*, 19/01/1935. p. 3.

²⁸ GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. *A bibliografia libertária: um século de anarquismo em língua portuguesa*. São Paulo: Imaginário, 1999. p. 29.

Existe também uma considerável variação nos subtemas que foram agrupados em assuntos como “anarquismo e anarquistas”, tais como teorias anarquistas, história do movimento operário, Revolução Constitucionalista de 1932, autobiografias de libertários e diferenças entre anarquismo e marxismo. Há também temas relacionados a teorias e práticas libertárias tais como história, sociologia, educação, bibliotecas populares, cooperativismo, condições sociais e direitos da mulher, neomalthusianismo, e livre pensamento.

Na seleção de livros há muitas obras sobre anticlericalismo, igreja agnóstica universal, igreja católica, inquisição, protestantismo, espiritismo e mediunidade. Pode parecer a princípio, uma contradição a presença de livros religiosos no acervo de anarquistas. No entanto, esta diversidade parece fazer sentido na medida em neles que predominam as críticas à Igreja Católica e o ateísmo entre os anarquistas do período analisado não era uma unanimidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adquirir livros e opúsculos anarquistas não era tarefa fácil, pois além das dificuldades financeiras para a publicação, eram poucas as livrarias que os vendiam. Muitos livros foram publicados e distribuídos por jornais anarquistas no Brasil e também em outros países. Em cidades do interior do Estado de São Paulo havia militantes que exerciam o papel de livreiros, revendendo jornais e livros em suas cidades. Estes intermediários estavam sujeitos a terem seu material apreendido pelo DEOPS/SP, como se verificou através dos relatórios de investigação da polícia política. Alguns militantes também tiveram suas bibliotecas pessoais confiscadas. Nem mesmo leituras em locais públicos escapavam do olhar vigilante dos investigadores.

O acesso a livros e jornais anarquistas era possível também através de bibliotecas populares, centros de cultura, ateneus, escolas, sindicatos e associações de trabalhadores. Nestes espaços eram feitas leituras comentadas e realizados cursos de alfabetização, incentivando o autodidatismo e as práticas de leitura. Através destes acervos puderam circular entre um número ampliado de militantes, livros e jornais que eram doados pelos próprios anarquistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, ideias malditas: o Deops e as minorias silenciadas*. São Paulo: Estação Liberdade: Arquivo do Estado de São Paulo, 1997.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia de Bolso, 2010.

GATTAI, Zélia. *Anarquistas Graças a Deus*. 25. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GERALDO, Endrica. Práticas libertárias do Centro de Cultura Social Anarquista de São Paulo 1933-1935 e 1947-1951. *Cadernos AEL – anarquismo e anarquistas*, n. 8/9, 165-192, 1998.

GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. *A bibliografia libertária: um século de anarquismo em língua portuguesa*. São Paulo: Imaginário, 1999.

LITVAK, Lily. *Musa libertaria: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español (1880-1913)*. Barcelona: Antoni Bosch, 1981.

PRADO JÚNIOR, Caio. *A cidade de São Paulo: geografia e história*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

RODRIGUES, Edgar. *Os companheiros*. Rio de Janeiro: VRJ, 1995.

SCHAPOCHNICK, Nelson. Ronda Paulistana. IN: FLOREAL, Sylvio. *Ronda da meia-noite*. São Paulo: Boitempo, 2002.

SILVA, Doris Accioly e. Anarquistas: criação cultural, invenção pedagógica. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 32, n. 114, p. 87-102, jan./mar., 2011.

SORA, Gustavo Alejandro. *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2010.

Prontuários DEOPS/SP – Arquivo do Estado de São Paulo

Prontuário 716, vol. 3, Federação Operaria de São Paulo. DEOPS/SP. AESP.

Prontuário 1685. Felix Zirolia. DEOPS/SP. AESP.

Prontuário 2394. Antonio Aguillar. DEOPS/SP. AESP.

Prontuário 02. Abílio José das Neves. DEOPS/SP. AESP.

Prontuário 2089. Avelino Fernandes. DEOPS/SP. AESP.

Prontuário 59. Pedro Burba. DEOPS/SP. AESP.

Prontuário 147. Francisco Arouca. DEOPS/SP. AESP.

Jornais – Arquivo Edgard Leuenroth

A Plebe, 09/10/1934.

A Plebe, 19/01/1935.

